

## APRESENTAÇÃO

---

Como a literatura e as demais formas de arte hoje produzidas dialogam com a pós-memória do colonialismo português? Essa pergunta, constantemente reatualizada em nossas pesquisas, norteou a organização deste número 27 da *Revista Abril*, que trazemos agora a público. Interessamos arguir a forma como jovens autores ligados ao tema, sobretudo aqueles que começaram a produzir após o ano 2000, reelaboram as lembranças e os resíduos decorrentes dos processos de descolonização na materialidade de suas obras, bem como os desdobramentos de tal presença na configuração de um conjunto artístico que problematiza o percurso colonial português e no imaginário dele decorrente, para pensar as novas construções sociais e políticas que aí se originam, marcadas, sempre, por grande diversidade de consequências. O trauma decorrente de tal complexo processo, assinalado por uma longa guerra e pela implementação de estratégias discursivas que investiam em conceitos como civilização, raça e origem, parece convocar uma segunda geração a pensar sobre ele, desenhando sua própria (pós) memória, mas principalmente analisando o que é ser, hoje, em Portugal e nos países africanos que vivenciaram sua ação colonial, herdeira de suas consequências sócio-políticas e identitárias. Tal geração busca hoje indagar o que é ser europeu ou africano; português ou angolano, ou cabo-verdiano, ou moçambicano, dentre outras identificações possíveis em um mundo de frágeis – mas reticentes – fronteiras, no qual a diversidade cultural afirma-se como uma possibilidade urgente e, ao mesmo tempo, necessária. Funcionariam tais obras artísticas como uma espécie de escudo protetor paradoxal, para citar Marianne Hirsch<sup>1</sup>, que, ao mesmo tempo em que absorve o trauma decorrente da violência existente em todo esse processo, diminuindo o dano

individual, possibilita uma conexão entre presente e passado? Para sermos mais específicos, uma conexão entre a geração daqueles que, deparando-se diretamente com o processo colonial, a ele sobreviveram e a geração seguinte, dos filhos ou netos que, na rememoração ativa de tal processo, procuram compreender os seus próprios vínculos com a família, a sociedade e o espaço em que habitam? Os textos aqui reunidos não respondem necessariamente a essas questões, na forma como estão propostas, mas avançam no sentido de nos permitirem um diálogo impactante com tal cenário, reforçando a urgência de pensarmos sobre ele para uma melhor compreensão dos dilemas que interrogam a sociedade, a arte e a produção literária na atualidade.

Assim, a abrir o número, nosso leitor encontrará, em “Gestos artísticos e narrativas pós-memoriais: interrogações pós-coloniais em português”, de Margarida Calafate Ribeiro e Fátima da Cruz Rodrigues, as narrativas biográficas de três artistas – Jorge Andrade, Délio Jasse e Vanessa Fernandes – cuja produção propõe um questionamento acerca do passado português ligado ao processo colonial e das persistentes sombras por ele ainda hoje lançadas sobre suas vidas, memórias e labor artístico. A seguir, encontram-se dois artigos que dialogam de forma transversal com esse valioso material: em “Memory’s ransom: silences, postmemory, cinema”, Paulo de Medeiros examina os múltiplos silêncios existentes em torno da guerra colonial e da Revolução dos Cravos, mesmo após mais de quarenta anos, compreendendo-os como uma posição estratégica a que se recorre para possibilitar a Portugal uma inserção mais “confortável” no atual panorama europeu; para tanto, dedica-se à análise de *Cartas a uma Ditadura* (2006), de Inês Medeiros, e *Cartas da Guerra* (2016), de Ivo M. Ferreira, apontando não apenas semelhanças e diferenças, mas ainda a presença marcante da pós-memória nas duas obras; por sua vez, “Housing in Mosambik – Pluralität in mosambik-nischenkin”, de Kathrin Saringen e Sophie Baltas, propõe uma análise do problema da habitação da moradia e das diferentes dimensões do habitar em antigo hotel colonial da Beira, em Moçambique, a partir de *Hóspedes da Noite* (2007), de Licínio Azevedo, e *Grande Hotel* (2010), de Lotte Stoops, desenvolvendo instigante discussão acerca das negociações que envolvem as formas de habitar em Moçambique nos tempos colonial e pós-colonial, bem como os agenciamentos possíveis ao se articular passado e presente no país.

A seguir, o leitor encontrará o artigo “Cristalizações de memórias alheias: a guerra colonial na escrita da pós-memória de Paulo Faria”, de Felipe Cammaert, no qual o investigador procura pensar a escrita do romance *Estranha Guerra de Uso Comum* (2016), de Paulo Faria, a partir de dois ângulos complementares: a cristalização da memória do pai sobre sua experiência colonial e o processo de elaboração de uma pós-memória que também retoma as narrativas de testemunhos diretos da guerra, através de militares que conviveram com seu pai. O artigo destaca a perspectiva de Faria acerca de seu trabalho e sua insistência no caráter ficcional e mediado da escrita, recuperando sua imagem como uma memória de segunda mão, que tenta elaborar o trauma e insinuar imagens fragmentárias do passado. Por

sua vez, Daniel Marinho Laks, em “‘Essas mentiras, caro doutor, vão tornar-se verdades indiscutíveis’: memórias subterrâneas, violência e legitimidade em *O Anjo Branco*, de José Rodrigues dos Santos”, parte da ideia de campo literário para pensar a existência de um conjunto de memórias que disputam a autoridade narrativa sobre o tempo colonial e a legitimidade de determinadas leituras de acontecimentos vivenciados por distintas coletividades. Para tanto, dá azo a significativa discussão sobre as ações de regimes que se apoiam em teses contratualistas, as quais justificariam o uso da violência e seu monopólio por parte do poder público – no caso específico do romance em tela, o poder colonial – como instrumento que visa o “bem comum”.

Na sequência das análises de Laks e Cammaert, encontra-se uma sucessão de artigos que abordam a obra de Djaimilia Pereira de Almeida, nitidamente um dos mais significativos nomes no conjunto de autores com publicação mais recente em Portugal e no Brasil. O primeiro deles é “A ‘inseparabilidade’ dos trânsitos na obra de Djaimilia Pereira de Almeida”, de Roberta Guimarães Franco, no qual a pesquisadora brasileira parte do conceito de “inseparabilidade”, proposto pela própria escritora, para pensar quatro de suas obras: *Esse cabelo* (2015), *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018), *As telefones* (2020) e *Maremoto* (2021), recuperando nelas certa história da imigração, sobretudo no trânsito entre Angola e Portugal, em período posterior à descolonização do país africano. Convida, desta forma, a uma leitura da autora portuguesa que passa não apenas pelo recorte pós-colonial, mas também pelo conceito de “post-migration”, conforme utilizado por Anne Ring Petersen<sup>2</sup>. Sheila Khan, em “Cartas, solidão e voz para uma pós-memória: *Maremoto*, de Djaimilia Pereira de Almeida”, detém-se no romance lançado pela autora em 2021 para desenhar uma reflexão atenta acerca dos processos de invisibilização e silenciamento do “Outro” ainda existentes na experiência portuguesa, mesmo após o fim do tempo colonial. Para tanto, propõe a articulação entre as contribuições teóricas da sociologia das ausências, na forma como proposta por Boaventura de Sousa Santos (2002), e da sua própria sociologia pós-colonial das ausências (KHAN, 2015). Por sua vez, em “Diálogo da natureza e um pirata: a ecocrítica por uma perspectiva descolonizadora em *A visão das plantas*, de Djaimilia Pereira de Almeida”, Nicola Biasio apresenta o livro publicado por Djaimilia em 2019 a partir de uma chave de leitura que reúne a ecocrítica e a teoria pós-colonial. Seu estudo busca enfatizar o tema da culpa e, para tanto, recorre à ecocrítica justamente como um instrumento que investe na dissolução de oposições binárias como cultura/natureza e humano/não-humano, possibilitando uma reflexão mais ampla acerca dos dilemas que acabam por estimular, nos dias de hoje, a permanência de certo pensamento colonial.

O artigo de Rafaella Cristina Alves, intitulado “*Caderno de memórias coloniais e Luanda, Lisboa, Paraíso*: mulheres narram as ruínas do império”, estabelece uma passagem entre as análises das obras de Djaimilia e aquelas voltadas para pensar a produção de Isabela Figueiredo. Centrada no estudo comparativo dos dois romances indicados em seu título, o artigo propõe

uma compreensão de suas visões acerca dos processos que envolveram tanto a presença colonial portuguesa na África quanto a descolonização, tendo como norte os temas da nostalgia colonial, do racismo e da pós-memória. Também comparativo é o artigo “A mancha enquanto contraste: Portugal *versus* suas ex-colônias em África nas narrativas de Isabela Figueiredo e Dulce Maria Cardoso”, escrito por Larissa Fonseca e Silva e Eliana da Conceição Tolentino, que toma por objeto os livros *Cadernos de memórias coloniais* e *O retorno*, respectivamente das duas escritoras, para pensar o contraste entre a sociedade portuguesa e a vivência nas antigas colônias, em específico em Moçambique e Angola.

A encerrar o número, outros dois artigos. O primeiro de Rodrigo Cavelagna, intitulado “A articulação do passado e a chave ética do testemunho em *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo”, que, como seu próprio título enuncia, estuda a obra da autora portuguesa relacionando a elaboração do testemunho, no sentido proposto por Primo Levi (1986), à posição ética e política da narradora-personagem. O segundo é intitulado “Narratividade, memória e descolonização no romance *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso”, da autoria de Cláudia Amorim e Suzana Costa da Silva, e se centra no tema da memória como articulador da discussão proposta pelo romance português, sobretudo mediante a voz narrativa de Rui, em torno dos retornados e do processo de descolonização de Angola. O artigo retoma a pós-memória como um de seus eixos norteadores, destacando a importância das narrativas de segunda geração como um instrumento problematizador das relações sociais vivenciadas no país europeu após o fim de sua vivência colonial.

Cabe destacar, por fim, alguns elementos fundamentais para a efetiva constituição deste número 27 da *Abril* – Revista do Núcleo de Estudos de Literaturas Portuguesa e Africanas da UFF. O primeiro deles refere-se ao imenso agradecimento dos organizadores do número e da editoria da revista a Yara Monteiro pela gentileza de ceder graciosamente a imagem que ilustra nossa capa; intitulada *Flor para Alda*, de 2020, a imagem apresenta um excerto do poema “Presença Africana”, de Alda Lara, escrito a caneta na flor de um antúrio e ilumina, de múltiplas maneiras, os textos aqui reunidos. A seguir, é importante enfatizar a presença marcante na revista de artigos preparados por pesquisadores que participam do projeto financiado pelo Conselho Europeu de Investigação, *Memoirs, Filhos do Império e Pós-Memórias Europeias*, sediado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e que tem por investigadora principal Margarida Calafate Ribeiro. Além disso, este número reforça os laços de pesquisa decorrentes da colaboração entre as duas instituições – Universidade Federal Fluminense e Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra – no âmbito do projeto CAPES/Print/UFF *História, Circulação e Análise de Discursos Literários, Artísticos e Sociais*, coordenado por Silvio Renato Jorge. É a partir de diálogos sérios e consistentes entre pesquisadores, a sociedade e os múltiplos produtores culturais que a universidade se desenvolve e produz conhecimento. Reúnem-se

aqui, pois, estudos que dialogam em diversos níveis, buscando não apenas a convergência de ideias, mas também a salutar diferença de pontos de vista, capazes ambas de levar adiante uma profunda discussão acerca de temas que são, hoje, centrais no panorama das literaturas de língua portuguesa.

Silvio Renato Jorge  
(Universidade Federal Fluminense)

Margarida Calafate Ribeiro  
(Centro e Estudos Sociais da Universidade de Coimbra)  
Organizadores

## NOTAS

1 HIRSCH, Marianne. The Generation of Postmemory. POETICS TODAY: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication. *Photography in Fiction*. Durham, vol. 29, n. 01, p. 103-128, Spring 2008. Textualmente, informa a autora: “*And yet, for better or worse, one could say that, for the postgeneration, the screens of gender and of familiarity and the images that mediate them function analogously to the protective shield of trauma itself: they function as screens that absorb the shock, filter and dilute the impact of trauma, diminish harm. In forging a protective shield particular to the postgeneration, one could say that, paradoxically, they actually reinforce the living connection between past and present, between the generation of witnesses and survivors and the generation after*” (p. 125).

2 PETERSEN, Anne Ring. ‘Say It Loud!’ A Postmigrant Perspective on Postcolonial Critique in Contemporary Art. In: SCHRAMM, Moritz; MOSLUND, Sten Pultz; PETERSEN, Anne Ring. *Reframing migration, diversity and the arts: the postmigrant condition*. New York: Routledge, 2019, p.75 – 93.